

2ª PARTE

ESTUDOS

Estórias Hilárias de Esculápios

Giselda Medeiros

Médico, economista, professor universitário, polígrafo, doutor em Saúde Pública e pós-doutor em Economia da Saúde, Marcelo Gurgel ainda encontra tempo e razões para se dedicar ao exercício da literatura. Aliás, Medicina e Arte se complementam e interagem na busca da beleza e da perfeição, desde os primórdios dos tempos. Ambas se imbricam no interesse pela vida e na inquietação do ser humano. Hipócrates já defendia essa verdade, asseverando que a medicina, assim como a literatura, constitui-se uma arte, por envolver sempre três atores: o médico, o paciente e a doença.

É fato: ambas lidam com a palavra. Vejamos: na medicina, a palavra é um instrumento terapêutico; na literatura, um instrumento de criação estética. Essa inter-relação constitui, hoje, um dos pontos-chave das chamadas Humanidades Médicas, que vêm sendo introduzidas nos currículos de várias escolas médicas, como afirma o grande médico e escritor Moacyr Scliar, que dedicou uma vida inteira à saúde pública, não deixando de ser também um dos mais prolíficos escritores brasileiros, contabilizando, entre romances, contos, ensaios, crônicas, ficção infanto-juvenil, além da produção relacionada à medicina, a marca de 80 livros, muitos deles premiados.

Marcelo Gurgel faz parte desse privilegiado grupo, em que se misturam, harmoniosamente, o homem médico –o que convive com esse tipo de real inerente à natureza humana: as doenças que põem em risco a vida; a morte, sempre a “indesejada das gentes”, em seus letais, inesperados, lentos momentos, inexoravelmente a nos sugar; a loucura, o sofrimento, a angústia; o milagre do nascimento, tudo isso suscitando sentimentos, - e o homem artista, reinventando a vida, recriando um mundo em que podem conviver o bem e o mal, o louco e o sábio, o amor e o ódio, cada qual desempenhando o seu papel no teatro da própria vida, e, através da “arte verbal, passa a comunicar experiências inefáveis”.

Sempre seguindo a trilha da medicina e da literatura, Marcelo Gurgel, vem produzindo vastíssima obra, de inegável valor (artístico e científico), o que lhe vale a coleção de inúmeros prêmios e distinções que ostenta.

Nas lides acadêmicas, é sócio titular da Academia de Medicina e da Academia de Médicos Escritores. É membro da SOBRAMES-CE (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) e da Sociedade Médica São Lucas, afora outras instituições culturais.

Mas, demos ênfase, agora, a esse novo título, com que Marcelo Gurgel vem engrossar as fileiras do conto cearense. *Estórias Hilárias de Esculápios*, livro agraciado com o “Prêmio Literário Para Autor Cearense”, realizado pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, enfeixa contos, recriados no dia a dia médico. São estórias, ora envolvendo o esculápio, ora o próprio paciente, em situações engraçadas, narradas com leveza, correção, personalidade e, sobretudo, com o conhecimento técnico, bem como sabedor das normas da narrativa.

Walter Benjamin nos alerta: “... a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. E conclui: “faltam-lhes a faculdade de intercambiar experiências”.

Notadamente, não é o que acontece com as narrativas de Marcelo Gurgel. Homem de mente privilegiada, dono de vastos conhecimentos, tanto no plano científico, como no literário, já tendo publicações nos gêneros: crônica, conto, ensaio literário, memorialismo, discurso, romance e teatro, cuja escritura mostra rico conteúdo, buscando interpretar a trajetória do homem em sua real condição humana, com suas dores, angústias, medos, sem deixar de ver o lado cômico da vida, intercambiando experiências.

Nesse seu mais recente livro, o médico e professor Marcelo Gurgel corrobora que escreve como uma forma de libertação e de superação desses elementos existencialistas adversos, imprimindo no leitor uma procura de paz e harmonia. E, para modelar esta existência sofrida, introduz nessas suas narrativas uma receita espetacular: o hilário, o cômico que transmutam e transfiguram nosso humor. O Autor sabe manejar,

tão bem, a linguagem, os diálogos de suas personagens que pensamos ter em mão uma fotografia, a nos mostrar o poder que se manifesta no Autor de dar a essas personagens de papel o sopro de vida.

Desse modo, em sua vivência, o médico busca aproximar medicina e literatura, porque esta o leva a imergir a águas mais profundas, de onde vem à tona mais humano, mais livre e mais revigorado.

E, para concluir, fiquemos com esses versos de Walt Whitman (in *Song of myself*, 1975):

“Camarada, isto não é um livro
Quem toca nisto, toca em um homem.
(É noite? Estamos sozinhos?)
Sou eu que seguras, e que te segura,
Eu salto das páginas para teus braços.”